

Santuário de Fátima  
13 de Junho de 2012

1. «Ia Jesus pôr-Se a caminho, quando um homem se aproximou correndo, ajoelhou diante d'Ele e perguntou-Lhe: «**Bom Mestre, que hei-de fazer para alcançar a vida eterna?**»».

Um homem, sem nome, mas muito rico, não perde a ocasião de fazer uma pergunta importante a Jesus, que considera um grande e bom mestre. Mas imediatamente Jesus remete, como sempre, ao Pai: «Ninguém é bom senão Deus». E a seguir reenvia para os mandamentos, o horizonte da aliança. O homem rico até é observante da Lei, mas não basta. «Jesus olhou para ele com simpatia e respondeu: “Falta-te uma coisa: vai vender o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me”». Mas, «ouvindo estas palavras, anuviou-se-lhe o semblante e retirou-se pesaroso, porque era muito rico». A atração das riquezas pode falsear a verdade do homem. E o texto põe em relação a riqueza com a tristeza. O homem rico fracassa o próprio desejo, deixando-se vencer pelo medo que o leva a preferir a segurança dos bens ao risco da relação com Jesus, como comenta Santo Agostinho: «se queres possuir bens e não queres ser bom, a tua vida é contrária aos teus desejos»<sup>1</sup>.

Contudo, muitos jovens, homens e mulheres ao longo da história da Igreja, como Antão do deserto, António de Lisboa, Escolástica e Bento de Núrsia, Clara e Francisco de Assis, escutaram as mesmas palavras de Jesus e transformaram a sua vida ao serviço total e gratuito de Deus e dos outros, com a maior alegria e esperança.

Todo o discurso está construído à volta da contraposição do fazer e não fazer. Toda a essência da vida cristã não está no dizer e nem sequer no confessar Jesus Cristo por palavras, mas está no fazer, isto é, no praticar o amor concreto aos pobres, os estrangeiros, os oprimidos, os desfavorecidos.... Esta é a vontade de Deus e a atitude de vigilância que Jesus recomenda. Amar é passar das palavras às ações.

«Como é Deus!!! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer!» (Beato Francisco).

Afinal quem pode salvar-se? «Aos homens é impossível, mas não a Deus, porque a Deus tudo é possível». O que não se pode conseguir pelas próprias forças, pode ser recebido como um dom. A salvação não se merece, a salvação acolhe-se.

O cristão é aquele que é capaz de dar o salto qualitativo da fé e passar da pergunta, “Que fazer para alcançar a vida eterna?” para a pergunta “Senhor, que queres que eu faça” e responder “Eis-me aqui”. Como dizia S. Bernardo. «Deus não nos ama para que sejamos bons e belos, mas torna-nos bons e belos porque nos ama».

2. Quereis oferecer-vos a Deus?

Esta pergunta de Maria aos pastorinhos pode ser hoje formulada também assim: quereis dar-vos a Deus?

---

<sup>1</sup> St. AGOSTINHO, Sermão 85.

Quem se oferece a Deus, dá-se necessariamente aos outros. Dar a vida é oferecer o segredo da própria vida. Este é o segredo que aprendemos de Jesus Cristo – a vida é DOM – que o segredo da vida é DAR. Cada pessoa, para estar bem, deve DAR. É urgente uma cultura do DAR, porque esta é a lei da vida. É assim que Deus faz.

Se não dás vida à tua volta, ficas doente. Se não dás amor o teu coração envelhece e um vazio entra em ti. A vida é vocação para o Amor. «Não há ninguém que não ame; a questão está em saber o que se deve amar. Não somos, por conseguinte, exortados a não amar, mas sim a escolher o que havemos de amar. Mas que podemos nós escolher, se antes não somos escolhidos?»<sup>2</sup>. A felicidade tem muito que ver com o DOM.

Este é o segredo da alegria da fé. Esta é uma alegria que não passa. A alegria da fé é eterna, como o amor. Sem fé não existe vida humana. Como seria possível viver sem fiar-se de alguém? Nós humanizamo-nos por relações de confiança, a partir dos nossos pais, a começar pela mãe.

Não existirá verdadeira espiritualidade cristã sem a experiência viva destas palavras que pronunciamos na oração Eucarística II: «*Vos agradecemos, porque nos permitistes estar na vossa presença e, oferecer-Vos o nosso serviço*»<sup>3</sup>.

O culto cristão pode resumir-se nas palavras de Paulo: «Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o nosso culto espiritual»<sup>4</sup>. Em Cristo e no seu Espírito, toda a existência cristã se torna um sacrifício de louvor, vivo e agradável a Deus, isto é, um autêntico culto espiritual. A fé é a atitude fundamental para buscar na esperança a pátria melhor no Amor, como nos interpelou a segunda leitura: «E como Deus lhes tinha preparado uma cidade, não Se envergonha de Se chamar seu Deus»<sup>5</sup>.

No mistério de Cristo as pedras vivas constituem uma casa ou edifício espiritual. Eis aqui toda a profundidade da temática bíblica sobre a casa de Deus. Não só entram no santuário mas tornam-se pedras vivas na sua construção por meio dos sacrifícios espirituais.<sup>6</sup>

A expressão “sacrifícios espirituais” é entendida no sentido de uma oferta realizada sob a ação do Espírito Santo, por meio de Jesus Cristo em oposição ao ritualismo exterior dos sacrifícios do Antigo Testamento. Esta espiritualização do culto não impede pois de falar do verdadeiro sacrifício da paixão de Cristo, a Eucaristia e o sacerdócio ministerial.

A própria raiz dos sacrifícios espirituais é a vida. O Vaticano II sintetiza, de uma forma feliz, esta espiritualidade cultual de sacerdócio comum dos fiéis ao dizer que «todos os trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e

---

<sup>2</sup> St. AGOSTINHO, Sermão 34.

<sup>3</sup> BOTTE (ed.), *La tradition apostolique* 4, 16.

<sup>4</sup> Rom 12,1.

<sup>5</sup> Hb 11,16.

<sup>6</sup> Cf. A. VANHOYE, *Il sacerdozio regale*, in A. VANHOYE, F. MANZI, U.VANNI, *il sacerdozio della nuova alleanza*, Milano 1999, 78.

familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, se forem feitos no Espírito, e as próprias incomodidades da vida, suportadas com paciência, se tornam em outros tantos sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cf. 1 Pd.2,5); sacrifícios estes que são piedosamente oferecidos ao Pai, juntamente com a oblação do corpo do Senhor, na celebração da Eucaristia. E deste modo, os leigos agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo»<sup>7</sup>.

«Gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que nunca me canso de lhes dizer que os amo» (Beata Jacinta).

A mensagem de Fátima não tem o objetivo de completar a Revelação feita pelo próprio Cristo, mas ajuda a viver melhor o Evangelho no nosso tempo. Na verdade, não se encontra aqui nada que não esteja já presente na Revelação. Neste sentido, as aparições em Fátima não são a ampliação da Revelação, mas constituem uma clarificação do querer divino na situação histórica do nosso tempo.

### 3. Maria, Mulher admirável da Esperança

A liturgia da Igreja aplica a Maria, as palavras que escutámos na primeira leitura do livro de Ben-Sirá: «Eu sou a mãe do amor formoso, do temor, da ciência e da santa esperança. Em mim está toda a graça do caminho e da verdade, em mim está toda a esperança de vida e de virtude».

Maria aprendeu a esperar. Esperou com confiança o nascimento do Seu Filho, anunciado pelo Anjo; perseverou no acreditar na palavra do mensageiro de Deus, esperou contra toda a esperança aos pés da cruz, até ao sepulcro, viveu o sábado santo infundindo esperança e consolação aos discípulos desiludidos.

A devoção ao Imaculado Coração de Maria converge para o centro do mistério da Redenção, ou seja, no coração do Redentor morto na Cruz. Neste mistério de graça e de misericórdia, a redenção é maior que o pecado do mundo, como foi repetidamente dito na mensagem de Fátima. O chamamento materno à penitência e à conversão é expressão do mesmo e único mistério pascal de Cristo.

«E quem mais do que Maria poderia ser para nós estrela de esperança? Ela que pelo seu “Sim”, abriu ao próprio Deus a porta do nosso mundo»<sup>8</sup>.

Como Maria, o discípulo é aquele que acolhe a palavra de Deus e reconhece que tudo é dom de Deus, agradecendo com a própria vida. Onde não há amor não pode haver vida. Deus não está presente num coração ausente.

✠ D. José Cordeiro  
Bispo de Bragança-Miranda

---

<sup>7</sup> LG 34.

<sup>8</sup> BENTO XVI, *Spe salvi* 49.